

Entre a moda afro-brasileira e a estética-política: uma análise informacional digital realizada em lutas cotidianas de ativistas negras caruaruenses

Between Afro-Brazilian fashion and aesthetic-politics: a digital information analysis carried out in the daily struggles of black activist from Caruaru

Vanessa Suellen Arcoverde Moreira, Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa, Maria Alice Vasconcelos Rocha

moda afro-brasileira,
estética-política,
design da informação

Ser mulher negra no Brasil é assumir um papel desafiador, pois sobre elas recaem os legados do: racismo, machismo e vulnerabilidade econômica. Formas de lutas incessantes conformam o seu cotidiano e uma das principais estratégias de suas práticas ativistas é a estética-política, considerada primordial para sua representatividade social. Diante do contexto, essa pesquisa objetivou revelar: Como a estética-política presente na moda afro-brasileira atua nas lutas das ativistas negras caruaruenses nas redes digitais? O nosso arquivo foi composto por 1.586 documentos coletados nas mídias sociais digitais, publicadas por ativistas negras. Inspirados na Análise de Discurso Foucaultiana, desvelamos os enunciados e as suas relações síncronas e incidentes. Tais relações discursivas evidenciaram como os elementos informacionais dessa estética materializam uma identidade pautada na ancestralidade, capaz de evocar o apoio mútuo e eficácia de ações nesse contexto.

*Afro-Brazilian fashion,
aesthetics-politics,
information design*

Being a black woman in Brazil is a challenging role to assume, as they are burdened by the legacies of racism, sexism and economic vulnerability. Incessant forms of struggle shape their daily lives and one of the main strategies of their activist practices is political aesthetics, considered essential for their social representation. Given this context, this research aimed to reveal: How does the political aesthetics present in Afro-Brazilian fashion act in the struggles of black activists from Caruaru on digital networks? Our archive was composed of 1,586 documents collected from digital social media, published by black activists. Inspired by Foucaultian Discourse Analysis, we unveiled the statements and their synchronous and incidental relationships. Such discursive relationships showed how the informational elements of this aesthetic materialize an identity based on ancestry, capable of evoking mutual support and the effectiveness of actions in this context.

1 Introdução

As lutas das mulheres negras existem no Brasil desde a colonização, pois é sobre seu corpo que se delineou as opressões oriundas do racismo, do machismo e da vulnerabilidade econômica (Almeida, 2018). Mesmo com mudanças no contexto (Souza, 2012), as opressões perduram. Logo, as negras necessitam criar e praticar estratégias, para que essa realidade possa lhes favorecer uma forma de existência menos restritiva, sofrida e mais digna.

As negras brasileiras constituem o que Foucault (2003) denomina de sujeitos objetivados, ou seja, como sujeitos, são objetos da relação saber-poder dominante, que intenta determinar sua forma e seus modos de conduta. Porém, para o autor, onde há poder há resistência e, constantemente, essa abre novas oportunidades de “ser” a partir da experimentação das possíveis adequações aos modos de sujeição.

A resistência nasce de uma possibilidade singular de acomodação à norma, por não se entender totalmente ajustado a mesma; portanto, é sempre uma criação estabelecida nas brechas do poder (Foucault, 2009). Para o autor se trata da indispensabilidade de aceitar a norma, mas de não querer “jogar o jogo todo”. Quando as negras praticam insurgências contra as imposições que lhes restringe a representatividade (Domingues, 2007), empreendem processos de subjetivação constituídos por modos de resistência. A sua eficácia se evidencia frutífera como objeto de estudo, pois representa a mudança em andamento. Candioto (2020, p. 330) reitera: “a subjetivação é uma relação entre quem estamos deixando de ser e quem ainda não somos”.

Os movimentos sociais reivindicatórios se multiplicaram no Brasil e, no caso do negro, sempre objetivou abrandar as consequências do racismo estrutural e sistêmico. Quando se trata da negra, constituinte da maioria da população brasileira, eles são efetivados por e para elas (Almeida, 2018). Em geral as negras residem nas áreas mais pobres das cidades, evidenciando como a desigualdade é um fator alarmante (Santos & Lima, 2020).

Em Caruaru, cidade do Agreste pernambucano, um grupo de negras ativistas conduzem movimentos que intentam a redução da opressão sobre seus corpos. Suas práticas ressaltam a importância do apoio mútuo, da conquista da autoaceitação e autonomia, abrangendo ações pedagógicas e protetivas (Moreira, 2023). A autora indicou o uso da estética-política como central para essas lutas, praticadas pelas redes sociais digitais. Por meio da moda afro-brasileira e seus elementos visuais, se materializa uma identidade, se tornando um símbolo da expressão do coletivo (Santos & Vicentini, 2020).

Propomos que essa estética-política seja observada a partir das lentes do Design da Informação. Sendo objetivo da área conquistar a transmissão de informações claras, objetivas e eficazes (Pettersson, 2010), suas ferramentas podem ajudar a compreender o objeto. Tal condição permite analisar a força da estratégia visual para promover mudanças. Para tanto, evidenciamos como o papel social do design ultrapassa pautas mercadológicas, se atentando na melhoria de vida de comunidades socialmente vulneráveis (Papanek, 1983).

Tendo por objetivo *desvelar como a estética-política presente na moda afro-brasileira atua nas lutas das ativistas negras caruaruenses nas redes digitais*, vislumbramos que nossa contribuição para o campo esteja em nos

apoiarmos numa base filosófica crítica e discursiva, demonstrando como os elementos visuais propiciam sentidos para a existência de sujeitos (Oliveira, Rocha, & Nobrega, 2022). Também ressaltamos a importância de um olhar mais pragmático para o design da informação, ou seja, o reconhecimento de que os significados adquirem significação no contexto em que está inserido (Beccari, 2023).

Ainda, esperamos contribuir demonstrando possibilidades, certa dose de otimismo em relação às urgentes preocupações contemporâneas acerca de condições de vida mais humanas e igualitárias. A urgência é demarcada pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), sobretudo no que diz respeito a solidificação dos ODS 5 (que objetiva alcançar a igualdade de gênero e empoderar as mulheres e meninas) e o ODS 10 (que intenta reduzir as desigualdades dentro dos países e aprofundar a relação com o campo). Numa ação política, evidenciamos a necessidade de considerar tais questões, além de sugerirmos que aprofundamentos nessas pautas sejam considerados, pois são de extrema relevância para que as desigualdades sejam efetivamente reduzidas.

2 Contexto sócio-histórico das negras brasileiras

As negras brasileiras parecem ser fortemente punidas pelo fato de existir (Almeida, 2018). Segundo Davis (2016), desde a colonização, o sofrimento dos afro-brasileiros: brutalidade, opressão e tortura tinham maior intensidade quando se destinavam às mulheres. Nessa época, as escravizadas serviam de muitas formas aos senhores e suas famílias, sendo constantemente alvo de violências; mas registros mostram que elas educavam seus descendentes, principalmente suas filhas, demonstrando lições de força, resistência e luta por um futuro diferente (Almeida, 2018). Contudo, os estigmas da beleza ariana (Berth, 2019), de objeto sexual e de domésticas servis prevaleceram historicamente, favorecendo a naturalização de uma autoimagem negativa (Santos & Lima, 2020).

De modo amplo, o movimento de mulheres brasileiras tratou da sexualidade e da liberdade sobre os seus corpos (Carneiro, 2003). No campo do poder público, intenta a representatividade das mulheres na política e, no âmbito econômico e social, a luta é por igualdade salarial, por direito a creches, etc. A luta política histórico-social gerou interesse em seus princípios, ideologias e formas epistemológicas, abrangendo as relações entre sexo, gênero e sexualidades (Dorlin, 2021).

Arroyo (2019) defende a necessidade de se construir um feminismo que atenda aos corpos, que seja vantajoso para as lutas, e sobretudo, que adote uma ideia de comunidade como o norte das pautas. Nesse sentido, a expressão “enegrecendo o feminismo”, foi cunhada objetivando visibilizar tais pautas (Almeida, 2018, p. 92). As negras convivem com uma taxa maior de desemprego, ocupam cargos (e remuneração) menores que os homens. As desigualdades vigoram especialmente nas periferias, sendo a situação reforçada pela improficuidade da educação brasileira e pela existência de subempregos (Santos & Lima, 2020). Abramo (2006) indica que, quando se

pensa mensalmente, as diferenças são alarmantes, pois os números mostram que os homens negros dispõem de 50% do que desfrutam os brancos, e as mulheres negras de apenas 32% do que recebem os homens brancos.

Considerando que 56,1% da população brasileira se autodeclara negra é formada por mulheres,¹ refletir sobre essa identidade, a posição que as negras ocupam como sujeito em nossa sociedade, é relevante. Para Foucault (2009) um sujeito é produzido culturalmente por meio das práticas de objetivação e subjetivação. Ele é objetivado por meio de práticas que o dividem em relação a si mesmo e aos outros, tal como ocorre nas relações opressivas do racismo, machismo e vulnerabilidade econômica.

1 <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>

2.1 Processos de sujeição e subjetivação foucaultianos

Para Foucault (2003) sujeito é uma forma, conformada pelos processos históricos de sujeição e subjetivação, resultantes de como o poder se exerce. O poder moderno assume o modelo da norma e o seu funcionamento se dá pela disciplina e normalização, processos que agem associados desde o século XVIII (Foucault, 2000). A norma se refere ao poder disciplinar que funciona no corpo individual através da sujeição. O processo sucede por meio da identificação seguida da inscrição dos indivíduos nele, já as práticas de sujeição de populações ocorrem na produção de identidades coletivas biopolíticas.²

Os modos de objetivação se apoiam na normalização disciplinar, sendo utilizados por meio da vigilância e da punição socialmente dispostos; essas são aceitas graças às relações saber-poder que se constituem verdades. A normalização se deve ao modo pelo qual os saberes repressores dominantes objetivam indivíduos e definem como eles devem se conduzir (Foucault, 2003).

Foucault (2003) entende que o processo de subjetivação envolve a forma como o indivíduo se identifica enquanto sujeito, incluindo uma dimensão moral e processos éticos, possibilitadores de desvios da norma. Graças a essa dimensão, tal processo incessantemente busca se afastar das malhas de saber-poder determinantes de identidades. Considerando que os processos de sujeição e de subjetivação se expressam mutuamente e que todo exercício de poder pressupõe resistências, elas são caracterizadas como sendo saídas criativas, conformadas nas brechas do poder. As resistências não são enfrentamentos e sim estratégias, produções criativas, também distribuídas estrategicamente (Foucault, 2009).

2 A biopolítica surge na análise do neoliberalismo sendo entendida como um ajuste que se estabeleceu entre o corpo vivente da população e os processos econômicos, característico do poder moderno (Foucault, 2008).

2.2 A estética-política de ativistas negras como um meio informacional

O Design é uma atividade que envolve criatividade e inovação, visando estabelecer qualidades multifacetadas tanto para os produtos/serviços, como para seus processos de produção e distribuição. A informação prestada é relevante para a conquista dos resultados pretendidos (Oliveira, Rocha, & Nobrega, 2022).

3 <http://www.sbd.org.br/definicoes>

Segundo a Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI)³ essa é uma área do design que objetiva definir, planejar e configurar os conteúdos

de uma mensagem. Pettersson (2010) reitera que a área é estabelecida pela capacidade de comunicar adequadamente um conjunto de informações. As mensagens são produzidas e distribuídas seguindo um planejamento e, uma característica que a área reconhece como força, é que a comunicação entre indivíduos seja embasada em suas vivências (Pontes & Rocha, 2018). Portanto, sendo o design um aspecto de linguagem, potencialmente reproduz reflexões, simbolismos e até mesmo ideologias de um coletivo (Braidá & Nojima, 2014).

Nesse contexto, considerando que a estética-política é o elemento visual que materializou um estilo de moda e, através dos seus elementos – cores, texturas, estampas étnicas e criações de moda – foi capaz de expressar discursos de pautas ativistas (Maia & Dohmann, 2019), consideramos que sua prática se constitui como uma linguagem informacional eficaz, portanto, capaz de ser analisada por meio do ferramental do Design da Informação.

Maia e Dohmann (2019) afirmam que os elementos visuais da estética-política podem surgir relacionados à cultura de um povo, sobretudo em se tratando de um grupo étnico marginalizado como os negros (Almeida, 2018). Considerando que a moda é uma linguagem de disseminação de sentidos, que se presta para construção de significados sociais, especialmente representatividades/identidades (Lipovetsky, 2009), para a visibilidade das negras ela é meio de comunicação (Santos & Vicentini, 2020).

As negras lutam contra a imposição de modos de sujeição, pois essa é a principal forma de luta contemporânea; assim, agem para mitigar as opressões sobre os seus corpos, onde primeiro se exerce o poder (Foucault, 2009). Ao utilizar a estética-política como uma estratégia, os elementos dessa podem ser analisados como promotores de informação, sendo capazes de gerar identificações, entendimentos de mundo e quiçá, mudanças nesse cenário. É nesse sentido que nossa pesquisa busca nos estudos do Design da Informação o entendimento das construções sociais de sentidos e valores. Assim, procuramos entender o design da informação enquanto elemento discursivo, partindo do pressuposto de que, para que algo possua algum valor ou significado, é necessário compreender o contexto discursivo, pois “os valores e significados não preexistem aos discursos, são os discursos que produzem um objetivo significativo”, ou seja, os significados só possuem significação a partir do contexto em que está inserido (Beccari, 2023, p. 131). Além disso, ainda segundo o autor, é através do discurso que o design enquanto campo do saber se valida e, conseqüentemente, se diferencia dos demais campos.

3 Procedimentos metodológicos

Nossa pesquisa possui um caráter qualitativo (Creswell, 2014), voltada para desvelar como a estética-política presente na moda afro-brasileira atua nas lutas das ativistas negras caruaruenses nas redes sociais; coletamos diversos vestígios materiais dessa experiência em seu conjunto discursivo. A escolha do lócus se fundamenta por se tratar de uma cidade do interior, cuja cultura é elitista e marcada por fundamentos eurocêntricos. O cenário nos proporcionou uma riqueza de dados do cotidiano dessas mulheres.

Nosso arquivo foi composto por dados documentais coletados nas mídias sociais digitais: *Facebook*, *Instagram* e *Twitter (X)*, e incluíram postagens de instituições (uma marca de moda e um Instituto Cultural – M1 e In1), 5 ativistas locais (A1-A5), e por consumidoras, que ocasionalmente interagem com as publicações. Apresentamos os sujeitos dessa pesquisa de modo sensível à sua condição vulnerável: protegemos sua privacidade omitindo suas identidades, mas ao mesmo tempo, contextualizamos seus lugares de fala e suas lutas cotidianas apresentando algumas características individuais relevantes (vide Figura 1), de modo a visibilizar sua luta e apresentar um processo de pesquisa transparente (Creswell, 2014).

Dados multifocais constituíram o arquivo, fazendo jus à profundidade do objeto (Flick, 2009), sendo composto por textos e imagens. Acompanhamos as participações das negras em debates, palestras e *podcasts*; na criação, participação e/ou divulgação de eventos; no lançamento de coleções de moda e composições artísticas, em depoimentos de experiências pessoais, entre outros. O arquivo foi formado por 1.586 documentos, coletados no período de novembro de 2019 a agosto de 2022. A variedade de dizeres evidenciou a saturação de dados. A categorização dos dados (Creswell, 2014) foi feita a partir das práticas das ativistas, descritas na Figura 2.

Assim, como o saber envolve o visível e o enunciável, os elementos de design presentes na estética-política são um contexto discursivo (Foucault, 2008; Beccari, 2023). Inspirados nas 4 etapas analíticas do método arqueológico (Foucault, 2008) – elucidar os enunciados, desvelar as funções enunciativas, levantar as regras de formação e revelar as formações discursivas, fizemos uma análise desses discursos utilizando a primeira delas: a elucidação dos enunciados e as suas relações (síncronas e incidentes).

Adotamos critérios de qualidade da pesquisa qualitativa: a) triangulação ao coletar dados distintos, fazer uso de diversas fontes e contar com o apoio reflexivo de um pesquisador experiente; b) a reflexividade, por meio da autorreflexão ao longo do processo cíclico analítico; c) na construção do arquivo respeitamos a maximização da variedade de representações; d) priorizamos manter uma descrição rica e detalhada (Paiva Júnior et al., 2011).

4 Análise e discussão dos resultados

Segundo Foucault (2008), os enunciados são funções sociais dos signos. Eles não são em si uma unidade, mas uma função que atravessa os campos das estruturas e das unidades, permitindo o desvelar de temáticas consideradas verdadeiras em um tempo-espço. Em nossa coleta identificamos 08 enunciados (Figura 3).

Os enunciados não existem individualmente, mas mantêm uma relação entre si, que é indissociável. Segundo Foucault (2008), essa relação pode acontecer de forma síncrona, quando os enunciados se explicam mutuamente, ou de forma incidente, quando um enunciado só existe porque o outro fundamenta a sua existência. As linhas à esquerda da Figura 4 representam as relações síncronas e à direita representam as relações incidentes. A seta indica em qual enunciado incide a relação do grupo.

Agentes envolvidos na pesquisa	Características
A1	<p>Negra, mãe e avó, professora no ensino infantil, cantora, compositora, se auto denomina multiartista. As suas músicas são voltadas ressaltam a importância da ancestralidade, do amor, da autoestima para as mulheres negras, o apoio entre irmãos e da representatividade negra. É proprietária do In1, confecciona as bonecas Abayomi como uma forma de apoiar a comunidade. O uso de turbante, de tranças e estampas étnicas são as principais características da ativista em termos de estética-política.</p>
A2	<p>Negra, mãe e avó, professora e advogada, atua na luta antirracista na cidade, possui um canal no Youtube, voltado para a militância negra. Promove diversos eventos na cidade voltados para a celebração da ancestralidade, da comunidade negra e da importância de potencializar a luta antirracista. O uso de estampas étnicas e o cabelo black são as principais características da ativista em termos de estética-política.</p>
A3	<p>Negra, solteira, analista de inovação, produtora e empreendedora. Atua fortemente em um dos movimentos negros de Caruaru. Procura sempre expor sua militância no cotidiano. Deixa claro a importância da sua mãe para a aceitação da identidade negra, procura sempre falar da importância do apoio, da ancestralidade e da representatividade negra em todos os lugares. O uso de estampas étnicas, coloração no cabelo, o cabelo natural e as tranças são as principais características da ativista em termos de estética-política.</p>
A4	<p>Negra e mãe. É psicóloga e seu foco de atuação é na saúde mental da comunidade negra. Preside um movimento negro que intenta a promoção da igualdade racial. Deixa claro a importância da ancestralidade, sobretudo no meio religioso. O uso do turbante e de tecidos étnicos são as principais características da ativista em termos de estética-política.</p>
A5	<p>Negra, solteira, designer de moda, empreendedora, pesquisadora e especialista em inovação. Procura por meio das suas publicações, ressaltar o seu orgulho em ser negra, de cabelo crespo e descendente de negras. É proprietária da M1 e sempre resalta a importância do apoio da sua mãe e avó na aceitação da sua identidade. O uso de estampas étnicas, do cabelo black e turbantes são as principais características da ativista em termos de estética-política.</p>
M1	<p>Denominada "marca de moda afro-brasileira", é sediada em Caruaru-PE, comandada por uma mulher negra (A5). A marca tem como público alvo mulheres negras, e sempre remete a ancestralidade e a representatividade negra a partir das estampas étnicas e das publicações realizadas nas mídias sociais.</p>
In1	<p>O Instituto Cultural promove oficinas das bonecas Abayomi, contando a história das bonecas para acessar a ancestralidade. Além disso, o Instituto vende as bonecas confeccionadas para arrecadar fundos e garantir a subsistência da comunidade. As bonecas possuem turbantes e são feitas com tecidos étnicos, remetendo as características da estética-política.</p>

Figura 1 Características dos agentes envolvidos na pesquisa. Fonte: elaboração própria, 2024.

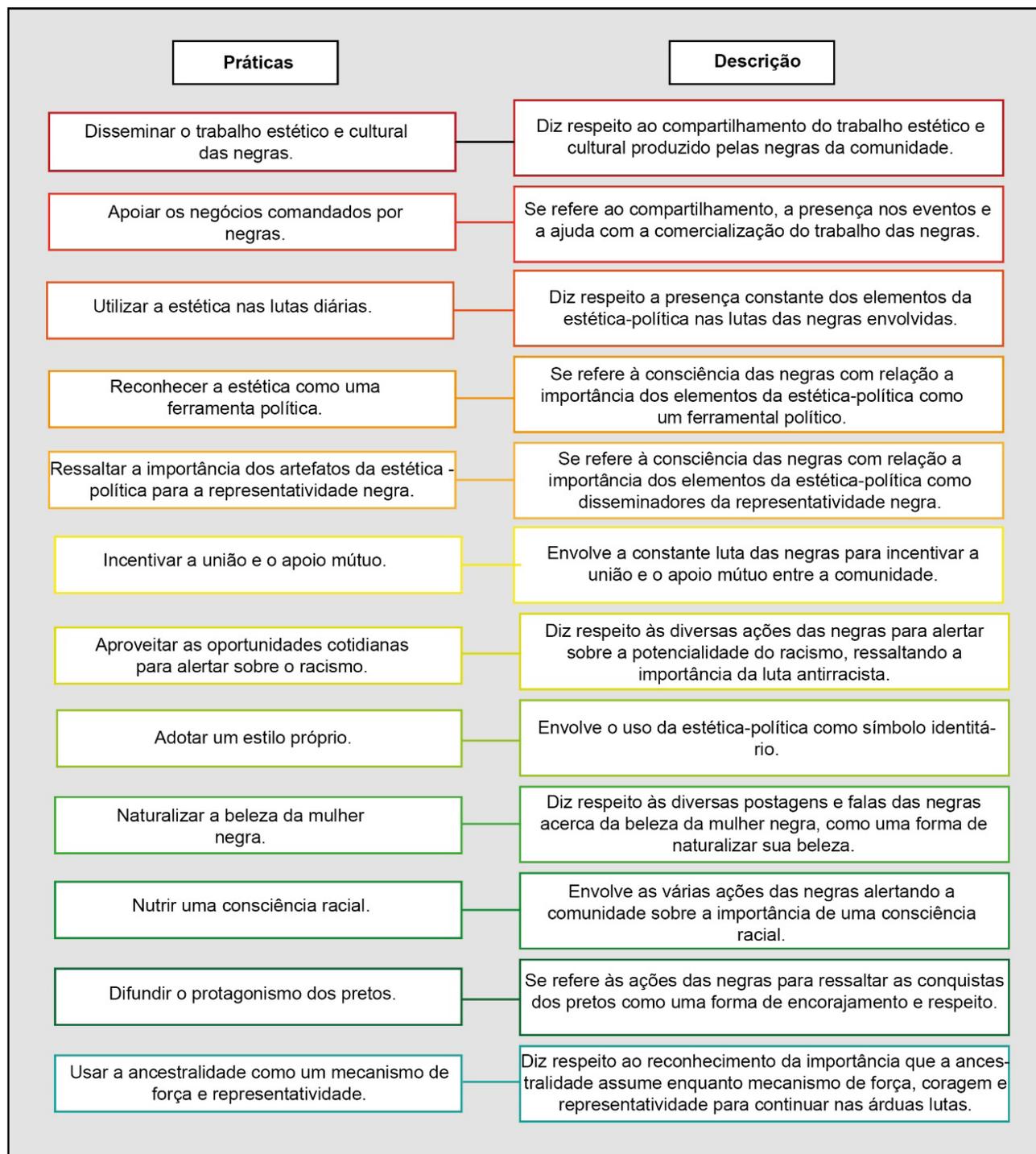


Figura 2 Práticas das ativistas. Fonte: elaboração própria, 2024.

Enunciado	Descrição	Agentes envolvidos
A estética é adotada como um ferramental político.	Refere-se ao uso da materialidade e de argumentos persuasivos para a mais ampla adoção de elementos de design presentes na composição visual do estilo da moda afro-brasileira.	A1, A2, A3 A4, A5, In1 M1
A estética fortalece a autoestima das negras.	Diz respeito à função social que desempenha a adoção da moda afro-brasileira, pois sendo um símbolo da identidade, é utilizada como representação identitária.	A1, A2, A5 In1, M1
A representatividade negra é adequadamente.	Refere-se às várias formas de ativismo cotidiano constantemente praticados pelas negras que incitam a constituição da sua representatividade.	A1, A2, A3 A4, A5, In1 M1
A estética negra potencializa a luta antirracista.	Diz respeito ao reconhecimento da efetividade da materialização identitária para o enfrentamento diário da luta.	A1, A2, A3 A4, A5, In1 M1
O apoio mútuo é vital para o fortalecimento da militância negra.	Refere-se ao reconhecimento da importância do apoio mútuo que é constantemente praticado, seja de modo informacional, educacional, profissional, comercial, moral e/ou financeiro.	A1, A2, A3 A4, A5, In1 M1
A militância das ativistas negras produz expressões artísticas-culturais.	Trata-se dos efeitos da militância, da propagação de sua produção criativa.	A1, A5 In1, M1
A história da ancestralidade fortalece a busca por representatividade.	Diz respeito a promoção de informações sobre o passado do povo negro, evidenciando a relevância de pessoas e lugares, produzindo um lugar de pertencimento digno de orgulho.	A1, A2, A3 A4, A5, In1 M1
As marcas da moda afro-brasileira são comandadas por negras.	Se refere ao reconhecimento da importância do comando organizacional feito por negras e para negras.	In1, M1

Figura 3 Enunciados, descrição e agentes envolvidos. Fonte: elaboração própria, 2024.

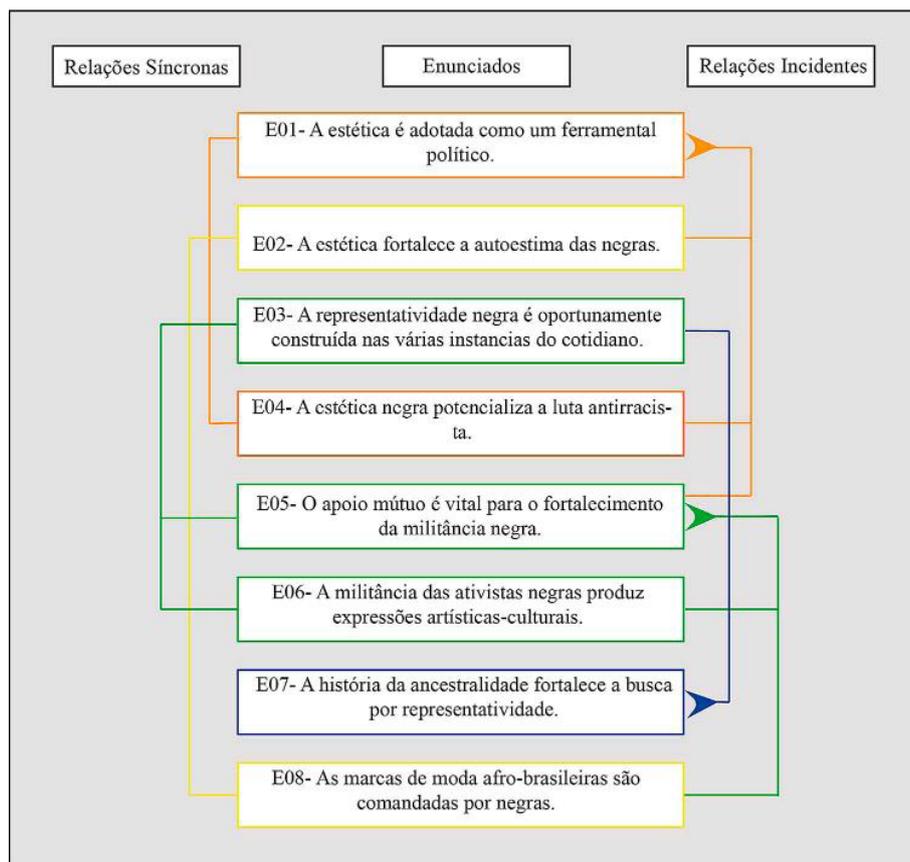


Figura 4 Enunciados e as suas relações. Fonte: elaboração própria, 2024.

Apesar dessas relações atravessarem todo o campo discursivo, a seguir e para efeito ilustrativo, selecionamos trechos de fala de duas ativistas, de uma consumidora e de uma instituição, por serem os mais representativos das relações aqui demonstradas.

4.1 As relações síncronas estabelecidas entre enunciados

No que se refere a relações, *E01* mantém uma relação síncrona com *E04*, ilustrada pela Figura 5.

A1 expressa como a estética é consciente e politicamente utilizada. O uso dos turbantes remete ao respeito de um povo, das suas raízes. Para Santos e Vicentini, (2020), o turbante é um elemento primordial da moda afro-brasileira, pois seu uso fortalece a identidade negra e incentiva outras mulheres a assumir a negritude. Usar turbantes é uma maneira de se conectar com os ancestrais, produzir significados e estimular o discurso antirracista (Maia & Dohmann, 2019). Portanto, essa é uma forma de representação efetiva: sinaliza o pertencimento, comunica a identidade e vincula a negra às pautas sociais específicas. O uso dessa estética tem se revelado presente no cotidiano, o que parece corroborar com Arroyo (2019), no que tange às vantagens do feminismo comunitário para disseminar pautas de mulheres silenciadas.



Figura 5 O turbante é coroa de rainha. Fonte: www.facebook.com (permissão de uso concedida).

A Figura 6 ilustra a relação entre: E03, E06 e E05. O reconhecimento da importância da representatividade social, incentiva as negras a lutar em todos os campos. Em suas militâncias elas produzem expressões artísticas e culturais, disseminando cultura, potencializando sua atuação, e fornecendo apoio financeiro aos membros da comunidade, promovendo a sua subsistência onde faltam os recursos (Moreira, 2023).

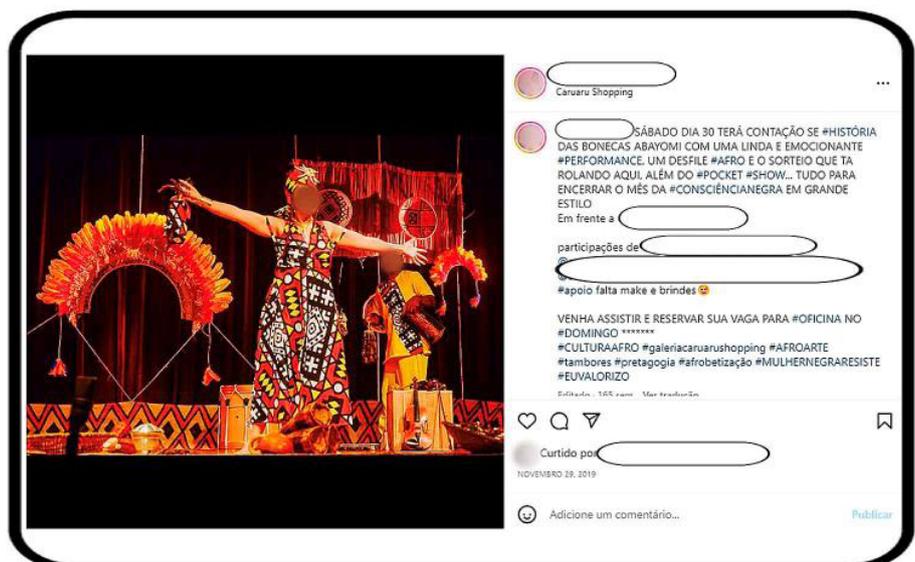


Figura 6 O mês da consciência negra. Fonte: www.instagram.com (permissão de uso concedida).

4 Novembro: mês da consciência negra (ufrb.edu.br).

No mês da consciência negra, várias práticas de consumo ativistas são divulgadas e incitadas. Elas envolvem a “contação” de história das bonecas *Abayomi*, desfiles da moda afro-brasileira, sorteios de brindes, etc. Segundo Lima,⁴ o mês de novembro se tornou um modelo e um estímulo para práticas ativistas de enfrentamento ao racismo.

Propagar a cultura em forma de luta é uma ação que estimula a autoaceitação e autonomia dos envolvidos, sendo essa uma forma de negociar modos de assumir as verdades postas (Foucault, 2009) e de construir coletivamente uma representatividade política. As negras o fazem em todos os espaços que ocupam. Utilizar a estética como uma estratégia, materializa o pleito, cria ações embasadas em elementos visuais, desenvolvendo uma estratégia de comunicação que se pautam na relação entre pessoas e vivências (Pontes & Rocha, 2018) e, portanto, ressalta como as informações possuem significação a partir dos contextos em que estão inseridos (Beccari, 2023).

A relação entre: *E08* e *E02*, pode ser ilustrada pelo trecho de fala de A2: “[...] isso é #afrocentralizar negro, valorizar e consumir o que o outro irmão produz e assim fortalecer nossa luta e #resistência”. Segundo Moreira (2023), por muitos anos, as negras não foram consideradas como público consumidor pela indústria; não havia produtos para seus cabelos, estampas étnicas, coloridas, ou maquiagem para o seu tom de pele. Certamente porque, predominantemente pertencentes à classe menos favorecida financeiramente, elas não despertaram interesse do investimento produtivo. Portanto, consumir do negro é um duplo modo de fortalecimento: gera-se renda (garantindo a subsistência), e se fortalece a autoestima, por se consumir produtos supostamente mais adequados ao gosto e as necessidades do coletivo.

No que se refere a autoestima, A1 relata como essa é uma pauta complexa:

Nasci menina mulher preta, por anos escondi as curvas do meu corpo porque não aguentava mais assédios, não passava batom para não escutar que “o beijo estava maior ainda” e o cabelo? Ah o cabelo era tortura pura, testa queimada de tanto o cabelo ser alisado.

O trecho evidencia como o corpo é o espaço primordial para o exercício do poder (Foucault, 2009). A objetivação o submete às normas de beleza corporal socialmente impostas, que são arianas. O corpo da menina é desde cedo normalizado. Por isso a estética identitária abre possibilidades para a consolidação de modos de existência. Tais expressões compõem uma linguagem, externam uma ideologia, conformam e naturalizam identidades sociais, o que abre possibilidade de reflexão para todo o conjunto social, sendo esse o alcance do design (Braidá & Nojima, 2014).

A partir dessas relações, embasados no design da informação enquanto elemento discursivo e, portanto, “processo de combinação de sentidos, valores, materialidades e realidades possíveis” (Beccari, 2023, p. 129), entendemos como a materialidade dos elementos presentes na estética-política, contribui para a constituição da identidade da negra.

4.2 As relações incidentes estabelecidas entre enunciados

A Figura 7 ilustra como se relacionam: *E02*, *E05* e *E04* só são possíveis porque *E01* existe. Frente a um contexto sócio-histórico de não representatividade, o estabelecimento de uma moda afro-brasileira é, em si, uma conquista política. A postagem de A1 ilustra a relação:



Figura 7 #SAMA KAKA. Fonte: www.instagram.com (permissão de uso concedida).

A ativista discorre sobre o significado político do tecido *Samakaka*. Ela atribui relevância aos elementos visuais que compõem o tecido, bem como aos agentes artesanais produtores. O tecido é apresentado como um marcador identitário, o que nos remete aos pensamentos de Maia e Dohmann (2019) quando endossam o significado dos tecidos africanos para a cultura negra e de Beccari (2023), sobre o design enquanto agenciamento discursivo, ou seja, como através dos seus elementos, o design consegue se diferenciar dos demais e, conseqüentemente, constituir identidades, como no caso em questão. Portanto, esses sentidos funcionam como ferramentas de fortalecimento individual e coletivo, nas práticas em que estão inseridos.

E05, fundamenta a existência dos enunciados: *E06* e *E08*. O relato da consumidora no Instagram da *MI* ilustra a relação (Figura 8).

É comum na comunidade elas enaltecerem as colegas de militância, usem os produtos que elas comercializam, evidenciem a importância deles e fazerem questão de divulgar isso em suas redes sociais. O apoio para ações coletivas caracteriza o ativismo (Ndichu & Upadhyaya, 2018). O modo como isso é praticado: por várias frentes, de modo constante e atuando nas fraquezas socialmente exploradas pelas sujeições, cria certa moralidade, promovendo condições criativas para produzir dessujeição e constituir a identidade política negra (Foucault, 2009).

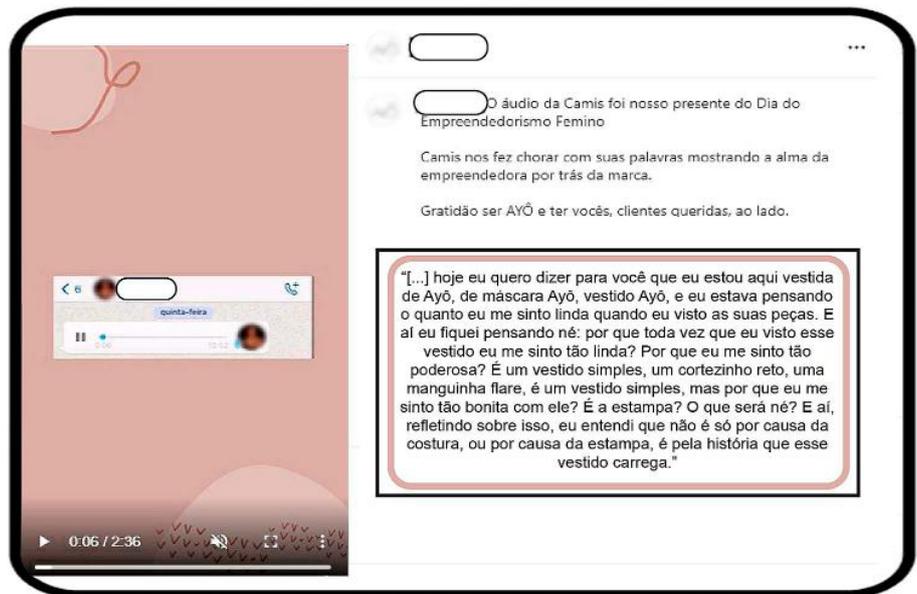


Figura 8 “[...] é pela história que esse vestido carrega.” Fonte: www.instagram.com, editado pelas autoras, 2024 (permissão de uso concedida).

Por fim, *E03* só existe porquê *E07* fundamenta a sua existência, se estabelecendo assim como um pilar para que a representatividade negra seja constituída e disseminada. Para Guillen (2016) a ancestralidade é para os negros um resgate às origens, gera uma pauta positiva para enfrentar diversas questões de poder. Nas histórias dos ancestrais se encontram narrativas de sucesso social, de heroísmos, que servem para potencializar a força negra, são como exemplos a serem seguidos. A história dos ancestrais é um suporte emocional e político, capaz de incentivar e direcionar a luta e conformar a representatividade negra.

Nesse contexto, o *In1* apresenta a história das bonecas *Abayomi*. Elas são feitas à mão, com tecidos africanos, incorporando elementos visuais que remetem às bonecas originárias da África – as que acompanharam as crianças em navios negreiros. A postagem destaca: “#bonecasabayomi é literalmente voltar a brincar de boneca só que aprendendo uma história rica e bonita da #ancestralidade”. As oficinas são sempre divulgadas e abertas a todos. Ao fornecer informações para as negras sobre as suas origens, as ativistas geram um lugar de pertencimento (Guillen, 20016). Essas práticas interacionais, produzem modos de conduta, valores e verdades que, ao serem compartilhadas, vão sendo assumidas pelo coletivo, fortalecendo a dessujeição (Foucault, 2009).

5 Considerações finais

As relações síncronas e incidentes dispostas no campo discursivo ressaltam como a estética-política atua nas lutas das ativistas caruaruenses e como essa é perpassada por todo um contexto histórico e político que marca

a sua existência. O apoio mútuo e o reconhecimento da ancestralidade como um lugar de pertencimento parecem primordiais para que as lutas se renovem e fortaleçam, garantindo a existência da comunidade e propiciando oportunidades para o estabelecimento de uma posição de sujeito mais forte (Moreira, 2023).

O grupo é pequeno, todas se conhecem e agem em conjunto, cotidianamente e por várias frentes. Assim, a estética-política é parte do seu cotidiano, compondo seus *looks* de trabalho e lazer. Assumindo essa estética como símbolo, elas consomem de empreendedoras negras, educam e fortalecem a comunidade moral e financeiramente. Por meio de seus elementos visuais, a estética-política materializa a luta, é uma estratégia criativa, é resistência. A partir dela, a identidade vai sendo traçada, as negras se identificam e a luta é expandida para os espaços sociais (Santos & Vicentini, 2020). Assim a estética-política demonstra a centralidade dos elementos de design para a efetividade da transmissão de informação.

Diante da forma como o ativismo vem sendo articulado nessa comunidade – cotidianamente, com disseminação de conhecimento, ações educativas e apoio às dificuldades do coletivo, vislumbramos sua eficácia, pois elas demonstram que lutar contra as mais variadas violências é algo que as motivam, seu objetivo é um futuro mais igualitário. Considerando que sobre o corpo da negra é onde se exerce as maiores violências, a estratégia de usar politicamente a estética no próprio corpo, é utilizá-lo como ferramenta, é focar no alvo onde o poder se exerce com toda sua força, é criação, é resistência.

Esperamos contribuir com a área demonstrando mais uma forma de análise crítica para o campo. Especificamente, essa análise discursiva que busca revelar a estrutura do discurso, sendo mais uma forma analítica de compreensão de como propagar informações eficazes, por meio do envolvimento com o cotidiano dos sujeitos e suas experiências. Ou seja, ao considerar o design da informação a partir de um olhar pragmático, é possível compreender como os significados ganham novos sentidos no contexto em que está inserido. E a partir desse olhar, desvelamos como as negras comunicam as suas lutas e, conseqüentemente, a importância que a estética-política assume nesse contexto. Assim, acreditamos que futuros estudos possam se debruçar sobre a potencialidade de considerar questões discursivas no campo do design, algo que ainda é pouco explorado (Beccari, 2023), mas que é de grande importância para uma compreensão do alcance da área, seja com relação a pautas mercadológicas, mas também culturais, sociais e políticas.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

Referências

- Abramo, L. (2006). Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. *Ciência e Cultura*, 58(4), 40–41.
- Almeida, T. S. (2018). *Reexistências: As punições institucionalizadas para negritude feminina* [livro eletrônico]. Paulus.
- Arroyo, A. G. (2019). *Descolonizar la memoria, descolonizar los feminismos* (2. ed.). Qullasuyu Marka: Editorial Tarpuna Muya.
- Beccari, M. N. (2023). Estudos discursivos em design, fundamentos teóricos. In D. B. Portugal, L. M. Kussler, & W. Hagge (Orgs.), *Quando fazer é pensar: Conectando design e filosofia* (pp. 129–156). Rio de Janeiro: PPDESDI.
- Braida, F., & Nojima, V. L. (2014). *Por que design é linguagem?* Rio de Janeiro: Rio Books.
- Candiotto, C. (2020). Sujeição, subjetivação e migração: Reconfigurações da governamentalidade biopolítica. *Kriterion*, 61(146), 319–338. <https://doi.org/10.1590/0100-512X2020n14603cc>
- Carneiro, S. (2003). Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, 17(49), 117–133.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa & projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens* (3. ed.). Porto Alegre: Penso.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Domingues, P. (2007). Movimento negro brasileiro: Alguns apontamentos históricos. *Tempo*, 12(23), 100–122. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>
- Dorlin, E. (2021). *Sexo, gênero e sexualidades: Introdução à teoria feminista*. São Paulo: Ubu Editora.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman/Artmed.
- Foucault, M. (2000). *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2003). Poder e saber. In M. Foucault, *Ditos e escritos: Estratégia, poder-saber* (vol. iv). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber* (8. ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2009). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Gaal.
- Guillen, I. C. M. (2016). Ancestralidade e oralidade nos movimentos negros de pernambuco. *África(s)*, 3(6), 90–106.
- Leão, A. L. M. S., Mello, S. C. B., & Vieira, R. S. G. (2006). O papel da teoria no método de pesquisa em Administração. *Organizações em Contexto*, 5(10), 1–16.
- Lipovetsky, G. (2009). *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. Companhia das Letras.
- Maia, D., & Dohmann, M. (2019). A moda como discurso político de afirmação étnica. *Icnova*, 385–394.
- Moreira, V. S. A. (2023). *O que nos conta a prática de empoderamento das negras na cidade de Caruaru – PE? Comportamento de consumidoras socio-historicamente marcadas por uma ideologia de existência*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49745>
- Ndichu, E. G., & Upadhyaya, S. (2019). “Going natural”: Black women’s identity project shifts in hair care practice. *Consumption Markets & Culture*, 22(1), 44–67. <https://doi.org/10.1080/10253866.2018.1456427>

- Oliveira, M. G. T., Rocha, M. A. V., & Costa, F. Z. N. (2022). O design da informação em um e-commerce de estampas para a indústria têxtil e de confecções: Proposta de wireframes de duas páginas a partir da hierarquia da informação. In G. Ranoya, S. G. Coutinho, & E. R. Miranda (Orgs.), *[in]formar novos sentidos* (vol. 3, pp. 96–117). São Paulo: Blucher.
- Paiva Júnior, F. G., Leão, A. L. M. S., & Mello, S. C. B. (2011). Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. *Revista de Ciências da Administração*, 13(31), 190–209. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2011v13n31p190>
- Papanek, V. (1983). *Design for the real world: Human ecology and social change*. Londres: Paladin.
- Pettersson, R. (2010). Information design: Principles and guidelines. *Journal of Visual Literacy*, 29(2), 167–182.
- Pontes, M. D. F., & Rocha, M. A. V. (2018). O uso da informação no processo criativo de design: Análise da aplicação de tendências de moda em empresas autorais na cidade de Recife. *ModaPalavra e-periódico*, 11(22), 332–362.
- Santos, M. C. P., & Vicentini, C. R. G. (2020). Moda afro-brasileira: O vestir como ação política. *dObras*, 15(30), 15–38. <https://doi.org/10.26563/dobras.i30.1233>
- Santos, V. M., & Lima, L. (2020). Estigma social: A segregação das mulheres negras perante a sociedade. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia da FAEF*, 34(1), 1–13.

Sobre as autoras

Vanessa Suellen Arcoverde Moreira

vanessa.arcoverde@ufpe.br

Universidade Federal de Pernambuco
Recife, PE

Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa

flavia.zimmerle@ufpe.br

Universidade Federal de Pernambuco
Caruaru, PE

Maria Alice Vasconcelos Rocha

maria.vrocha@ufrpe.br

Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife, PE

Artigo recebido em/*Submission date*: 20/3/2024

Artigo aprovado em/*Approval date*: 11/10/2024